

Uma pauta de Ciência para o Semiárido

Andréa Cristiana SANTOS¹

Eriskarine Barbosa do NASCIMENTO²

Universidade do Estado da Bahia, Juazeiro – Bahia

RESUMO

Na região do semiárido brasileiro, têm surgido nos últimos anos instituições de ensino e de pesquisa que desenvolvem estudos sobre as potencialidades da biodiversidade da vegetação da caatinga, com suas variedades de plantas e animais; sobre projetos de práticas educativas, de convivência com o semiárido e de incentivo ao desenvolvimento agrário, baseado na fruticultura irrigada e na agricultura de sequeiro. Diante desse contexto social e de fomento à uma cultura científica na região, esse artigo pretende refletir sobre o exercício do jornalismo científico, analisando as possibilidades da difusão científica e procurando conhecer possíveis entraves, que impeçam à divulgação da ciência. No primeiro momento do estudo, faz-se uma discussão teórica sobre conceitos do jornalismo científico e a relação do jornalista com a fonte-pesquisador. No segundo momento, pretende-se mapear as instituições de ensino e de pesquisa e para onde tem sido direcionada a pesquisa. Por fim, pretende-se indicar um agendamento temático para a prática do jornalismo científico e jornalismo ambiental para a região semiárida, propondo indicativos para formular uma pauta para a ciência no Vale do São Francisco. Assim, essa comunicação científica pretende estimular uma produção científica com reflexões e discussões sobre a ciência e tecnologia na sociedade juazeirense.

PALAVRAS CHAVES: jornalismo; divulgação científica; semiárido; ciência.

¹ Orientadora do trabalho. Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal da Bahia e professora Ms em História Social do Curso de Comunicação Social –Jornalismo em Multimeios da UNEB-BA, email: andcsantos@uneb.br.

² Estudante de Graduação 5º semestre do Curso de Comunicação Social- Jornalismo em Multimeios da UNEB-BA, e bolsista monitora do projeto, vinculado à Pro-Reitoria de Extensão (PROEX), e-mail: karine_bnascimento@hotmail.com.

A ciência é tema de grande relevância para a sociedade brasileira, visto que o conhecimento sobre as inovações produzidas pode gerar reflexões sobre a política científica e tecnológica para o Brasil e, particularmente, para o Nordeste, dando origem a discussão sobre o processo produtivo e suas implicações sociais. A ciência começou a ser estimulada em nosso país, influenciada pelo impacto tecnológico advindo da Primeira Guerra Mundial. A criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq) foi o primeiro representante nacional da regulamentação da ciência e tecnologia no país.

No Brasil, o pioneiro do jornalismo científico foi José Reis que, durante mais de meio século (1947-2002), escreveu regularmente para a *Folha de São Paulo*. Juntamente com outros profissionais ofereceu uma contribuição importante ao jornalismo e a divulgação científica, destacando-se como importante pesquisador (OLIVEIRA, 2005).

Assim, o jornalismo científico pode cumprir ideais imprescindíveis à prática jornalística e a função social que lhe é inerente. Como afirma o teórico do campo jornalístico Otto Groth (*apud* MAROCCO & BERGER 2006, p.207), “a informação pode e deve servir a sociedade, tanto a seus indivíduos, quanto a seus conjuntos, com vistas a inúmeras finalidades que conservem e fomentem, incrementem e ampliem a vida”.

Diante da relevância da divulgação de ciência como exercício da prática jornalística, esse artigo pretende refletir sobre o exercício do jornalismo científico, analisando as possibilidades da difusão científica e procurando conhecer possíveis entraves à divulgação da ciência. No primeiro momento do estudo, faz-se uma discussão teórica sobre conceitos do jornalismo científico e da relação do jornalista com a fonte-pesquisador. No segundo momento, pretende-se mapear as instituições de ensino e pesquisa e para onde tem sido direcionada a pesquisa, com ênfase no que tem sido publicado pela Universidade do Estado da Bahia, campus III, Juazeiro-Ba; pela Embrapa Semiárido – CPATSA e pelo Instituto da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA), organização não-governamental.

Por fim, pretende-se indicar um agendamento temático para a prática do jornalismo científico e ambiental para a região semiárida, propondo indicativos para formular uma pauta para a ciência no Vale do São Francisco.

1. Sobre Jornalismo Científico

O espaço concedido às notícias e reportagens sobre ciência, tecnologia e meio ambiente nos veículos de comunicação de massa tem crescido. Segundo Ramos (1996, p. 14), “é com grande influência dos meios de comunicação que a humanidade, hoje, toma contato com os problemas ambientais e procura rediscutir os seus modelos de desenvolvimento e sua atuação no meio ambiente”.

Neste contexto, as universidades brasileiras têm uma grande parcela de contribuição, pois muitas delas realizam congressos e seminários, criam agências de notícias de natureza científica e estimulam jovens pesquisadores a produzir ciência e futuros profissionais a praticar o jornalismo científico.

Para Felipe Pena (2006), investir em jornalismo científico para a propagação do saber produzido deve começar no próprio ambiente universitário a partir dos produtos laboratoriais e com exercício crítico. Felipe Pena compreende a natureza dessa produção como um apoio para a democratização da ciência, por meio “(...) de uma imprensa própria, articulada com a lógica interna da academia e com as rotinas produtivas dos veículos, unindo-os, e não as separando” (PENA, 2006, p. 205).

Ao refletir sobre as características do jornalismo científico, o estudioso Wilson Bueno (1985) ressalta que o jornalismo científico não abrange apenas as “ciências duras” como - Física, Química - mas inclui as ciências humanas (Educação, História, Sociologia, Comunicação). Segundo o autor, em virtude da especialização em algumas áreas, tem assumido denominações particulares, em alguns casos, como o Jornalismo Ambiental, Jornalismo em Saúde, entre outros, contudo todas elas convergindo para o Jornalismo Científico, considerado mais abrangente.

As semelhanças entre ciência, tecnologia e meio ambiente estão cada vez mais próximas, levando a sociedade a refletir sobre os impactos na esfera pública. “O jornalismo tem dever cívico de, primeiramente, tomar conhecimento da problemática que envolve o desenvolvimento sustentável e, em seguida, transmitir mensagens persuasivas na direção de uma mudança no comportamento das pessoas”, (CAMPOS, 2006).

O jornalista científico deve esclarecer sobre os temas complexos de maneira simples, utilizando-se de comparações. Para Morin, “o que agrava a dificuldade de conhecer nosso mundo é o modo de pensar, que atrofiou em nós, em vez de desenvolver, a aptidão de contextualizar e de globalizar”.

No campo da divulgação da ciência, alguns autores procuram diferenciar o Jornalismo Científico da Divulgação Científica, relacionando a finalidade da mensagem pelo comunicador. “(...) Não é o objetivo do comunicador ou mesmo o tipo de veículo utilizado, mas, sobretudo, as características particulares do código utilizado e do profissional que o manipula”. (BUENO, 1985, p. 20).

Com isso, o jornalismo científico é a produção resultante de um trabalho de edição jornalística, com a utilização de uma linguagem simples, transformando em acontecimentos jornalísticos resultados de pesquisa e que tragam impacto na sociedade; já a divulgação científica é produzida pelos cientistas, para um público especializado, com uma linguagem mais rebuscada, conceituando sobre as descobertas científicas ou sobre resultados de pesquisa.

A atividade desempenhada pelo jornalista científico deve ser educativa e dirigida ao grande público. Segundo José Marques de Melo (1973), a função do jornalismo científico deve:

(...) promover a popularização do conhecimento das universidades e centros de pesquisa; com uma linguagem acessível aos cidadãos comuns; despertando, assim, interesse pelos processos científicos, e não apenas pelos fatos isolados. Deve ainda discutir a política científica, incentivar os jovens a buscar conhecimento e promover a educação continuada dos adultos.

A relação do jornalismo com a ciência acontece quando o jornalista usa informação científica para interpretar a realidade. Dessa forma, o jornalista usa da comparação para exemplificar uma informação, tornando-a acessível a todos. Para Fabiola Oliveira (2005, p.47), “o jornalismo científico não se restringe à cobertura de assuntos específicos de ciência e tecnologia, mas o conhecimento científico pode ser utilizado para melhor compreender qualquer aspecto, fato ou acontecimento jornalístico”.

Assim, a ciência auxilia no entendimento dos fenômenos sociais e a interpretar as causas e conseqüências dos fatos, estando presente em distintas editoriais. Porém, ainda é limitado o espaço na imprensa para tratar de informações científicas, seja pelo relacionamento com as fontes, pois os cientistas acreditam que os jornalistas não compreendem sua linguagem, seja pela imprensa achar a ciência difícil para ser divulgada.

Como ressalta Nilson Lage (2003, p. 57) “o cientista enfatiza suas respostas, de maneira redundante e minuciosa”, pois teme que o jornalista não entenda a pesquisa. Desta forma, estabelece-se, muitas vezes, confronto entre pesquisador e jornalista, que impede o fluxo de informação e a divulgação da ciência.

2. Mapeando as instituições localizadas no semiárido e a divulgação científica

2.1 Embrapa Semiárido

No início da década de 1970, o cenário vigente do semiárido brasileiro era de deficiência de conhecimentos tecnológicos, sendo este um dos principais entraves para o desenvolvimento da agropecuária. As pesquisas experimentais realizadas, com o fim de equacionar estes problemas, caracterizavam-se por iniciativas de algumas instituições. Foi criado, então, o Centro de Pesquisa Agropecuária do Trópico Semiárido (CPATSA), em 23 de junho de 1975, com as pesquisas voltadas para a região do semiárido”. Em 1998, o nome da CPATSA foi substituído por Embrapa Semiárido para fins de divulgação.

De acordo com o CPATSA-Embrapa Semiárido o objetivo é promover o desenvolvimento rural do Semiárido Tropical brasileiro, procurando conferir eficiência produtiva ao setor agropecuário, reduzindo custos de produção e aumentando a oferta de alimentos pelo uso de tecnologias que apresentassem viabilidade econômica, impactos sociais positivos e conservação ambiental, evitando o êxodo rural. Algumas linhas de pesquisas desenvolvidas pela Embrapa Semiárido são:

- Inventário dos Recursos Naturais e Socioeconômicos;
- Desenvolvimento de Sistemas de Produção para Áreas Irrigadas;
- Desenvolvimento de Sistemas de Produção para Áreas de Sequeiro;
- Manejo da Caatinga.

Neste sentido, várias linhas de pesquisas foram implementadas, podendo-se citar os estudos edafoambientais, onde foi desenvolvida uma metodologia de abordagem de recursos em solos, dentro de um conceito de unidade geoambiental, que serviu de base

para a realização do Zoneamento Agroecológico do Nordeste, subsidiando ações de pesquisa, ensino e desenvolvimento dos governos federal, estaduais e municipais.

Além deste, também, foram realizados estudos de acompanhamento da evolução de problemas de sais em áreas irrigadas e de fertilidade do solo e nutrição de plantas para culturas como sorgo, videira, algodão, arroz, tomate, cebola, melão e cana-de-açúcar. Outros estudos realizados referem-se ao manejo de solos, eficiência do uso da água de irrigação em fruteiras e hortaliças, tecnologias de convivência com a longa estiagem (seca) e pecuária.

É importante também assinalar as pesquisas desenvolvidas sobre a biodiversidade da caatinga, único ecossistema exclusivamente brasileiro que cobre quase todo o Nordeste. Este bioma é caracterizado pela incidência de chuvas irregulares, uma fauna e uma flora bastante diversificadas com alto grau de endemismo.

As plantas da caatinga possuem características adaptáveis ao clima, tais como a queda das folhas na estação seca e a presença de sistemas de raízes bem desenvolvidos. A perda das folhas é uma adaptação para reduzir a perda de água por transpiração e raízes bem desenvolvidas aumentam a capacidade de obter água do solo. A flora se constitui com predominância de cactáceas e bromeliáceas. As principais representantes do reino vegetal são: a aroeira *Astronium juglandifolium*. e *Astronium urundeuva* (Fr. All.) Engl.), o mandacaru (*Cereu Jamacaru*), o juazeiro (*Ziziphus Joazeiro Mart.*), o angico (*Anadenanthera macrocarpa* (Benth) Brenan), e a amburana *Amburana cearensis* (Allemao) A.C.SM..

Na Embrapa têm sido desenvolvidos estudos sobre técnicas de reflorestamento de áreas degradadas e de enxertia com plantas nativas da caatinga, que podem desaparecer no futuro, devido à devastação e exploração das árvores para explorar a lenha para fins comerciais. Um exemplo são as experiências desenvolvidas com enxertia do umbuzeiro (*spondias tuberosa* Arruda) com outras variações do tipo cajazeira (*Spondias lutea*), cruzamento do cajá (*Spondias mombin*) e o umbu com a seriguela (*Spondias purpurea*).

Uma outra linha de pesquisa é a atuação na fruticultura irrigada por meio de experimentos desenvolvidos com banco de dados de germoplasma com manga,

visando produzir plantas adaptadas à região, assim como uvas, destinada a vinicultura. Também têm sido desenvolvidos estudos com frutas cítricas (pomelo e laranja) a fim de que a região possa desenvolver um novo ciclo de cultura com frutos que apresentem menor índice de acidez, atendendo aos padrões de qualidade exigidos pelos mercados da Europa e Estados Unidos.

2.2 Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA)

O Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada (IRPAA) é uma organização não governamental sediada em Juazeiro-BA, que desenvolve atividades com as práticas de convivência com o semiárido. Esse projeto se dá principalmente a partir do conhecimento e do domínio das técnicas de produção apropriadas para este clima. A instituição também defende uma maior distribuição das terras, aproveitamento das áreas de fundo de pasto; políticas públicas de acesso à águas e outras demandas sociais da região que garantam a permanência da população. Uma das vertentes do instituto é incentivar, junto com outras redes sociais, práticas de educação contextualizada e de produção de livros didáticos.

O IRPAA também tem desenvolvido o projeto de Reaatingamento em parceria com entes público-privado como a Petrobrás, popularizando conhecimentos sobre plantas forrageiras para consumo animal e plantas nativas como o umbuzeiro, planta resistente a grandes estiagens e com uma função importante no armazenamento de água e das substâncias nutritivas que podem ser consumida. O projeto também procura disseminar informações para preservar as áreas degradadas e em processo desertificação, diminuindo os efeitos do aquecimento global e a preservação do meio ambiente.

2.3 Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

A Universidade do Estado da Bahia (UNEB) é uma das instituições que fomenta a pesquisa científica na região do semiárido por meio de campi, sediados em Juazeiro-Ba, Paulo Afonso, Senhor do Bonfim, Euclides da Cunha, entre outros.

Localizado no Campus III, em Juazeiro-Ba, a instituição tem 50 anos de existência, sendo criada a Faculdade do Médio São Francisco (FAMESF), criada em

1960, hoje Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS); e Departamento de Ciências Humanas (DCH), com 26 anos de existência.

O Departamento de Tecnologia e Ciências (DTCS) é considerado um pólo de pesquisas científicas na área de Engenharia Agrônômica, devido ao grande número de professores doutores na região e sedia o Programa de Pós-Graduação em Horticultura Irrigada. O DTCS desenvolve pesquisa com manejo de pragas, fruticultura irrigada, agricultura para área de sequeiro, melhoramento genético, desenvolvimento de espécies de plantas (mata ciliar, feijão, entre outros) e na área agroecológica; pesquisas com caprinos, plantas forrageiras, entre outras.

O Departamento de Ciências Humanas (DCH) também tem desenvolvido pesquisas na área educacional e em comunicação, com ênfase em letramento do professor, história da educação, educação contextualizada, produção de livros didáticos, alfabetização de adultos, história cultural, história da imprensa, comunicação audiovisual (cinema, fotografia), entre outras.

Contudo, apesar de haver pesquisas nos dois departamentos, a instituição ainda encontra dificuldades para divulgar a sua produção. Uma das iniciativas foi construir a Agência de Notícias MultiCiência – Ciência, Tecnologia e Educação, projeto extencionista do Departamento de Ciências Humanas do curso de Jornalismo em Múltiplos Meios, com o objetivo de viabilizar a difusão da ciência no Vale do São Francisco.

A finalidade é fazer com que a comunidade possa entender como as investigações científicas podem ajudar a promover o desenvolvimento humano advindo da inovação tecnológica ou da compreensão do real nos campos da educação, da cultura, da memória histórica, da literatura e de temas da atualidade.

3. Formulando uma pauta de Ciência para o Semiárido

A elaboração de pautas e reportagens abrangendo a temática científica e ambiental não é uma das atividades mais simples, devido a necessidade de profissional especializado, o que na maioria das redações locais não existe. Um estudo científico envolvendo o meio ambiente apresenta desdobramentos em vários setores da

humanidade e do ecossistema, o que requer conhecimentos prévios e sistematização na elaboração de pautas.

A partir da intenção deste artigo de propor subsídios para uma pauta de ciência para o semiárido, fizemos um levantamento sobre notícias divulgadas pelas instituições Embrapa Semiárido, o IRPAA, por meio da assessoria de imprensa, e pela Universidade do Estado da Bahia, por meio da Agência de Notícias. A partir dessas notícias selecionadas, propomos outros temas que podem concretizar a divulgação científica na região.

A notícia “Evento discute mudanças climáticas e desertificação no Semiárido”, publicada no site da Embrapa Semárido e transmitida para os veículos, é de interesse público e tem caráter factual. A notícia apresenta a realização de um evento promovido pela instituição para discutir a desertificação, suscitando a importância das mudanças climáticas no mundo e no semiárido, em especial pela relevância dos impactos causados na região com o aumento de áreas degradadas.

Diante deste assunto, jornalistas dos diversos meios podem propor uma discussão sobre temáticas como o aumento das áreas degradadas; os impactos da desertificação no semiárido e nas culturas existentes; as conseqüências do aumento da temperatura no cotidiano do agricultor, morador do semiárido e as possíveis causas e responsabilidades das práticas atuais de uso do solo, além dos impactos futuros que essa mudança pode gerar na agricultura brasileira com possibilidade de extinção de algumas culturas. É possível ainda fazer uma abordagem interdisciplinar com as áreas das Ciências Humanas para levantar aspectos sobre os impactos sociais e culturais com possíveis mudanças de hábitos e costumes.

Uma outra matéria publicada pela Embrapa tem uma abordagem voltada ao interesse da população e do agricultor. Na publicação “Técnica simples transforma mato seco em forragem” é abordado que o produtor, com pouco recurso financeiro e material, pode transformar os restos de cultura, em forragem para os caprinos, ovinos e bovinos, para alimentação no período da estiagem. A técnica é simples, não envolve equipamentos sofisticados ou complexos. Nesse tipo de matéria, é possível pensar em pautas que possam investigar tecnologias apropriadas ao agricultor e ao clima do

semiárido, promovendo uma integração também com técnicos agrícolas propagadas pelo IRPAA.

Em ambas as notícias, são percebidas a abordagem de temáticas que gerem reflexão, conhecimento e debate para a sociedade. O tema desertificação pode suscitar a importância das mudanças climáticas no mundo. Assim como pesquisas voltadas ao pequeno produtor, que facilitem o manejo de maneira simples e sem grandes custos financeiros para a produção na agricultura de sequeiro.

O IRPAA divulga, por meio de sua assessoria de comunicação, os eventos realizados pela instituição, bem como as experiências de convivência com o semiárido. Na matéria “Seminário Intermunicipal discute experiências significativas de Educação Contextualizada ao Semiárido”, o texto reflete sobre as práticas de educação nos municípios do Vale centradas na perspectiva da educação contextualizada.

Já na notícia “Projeto Recaatingamento prevê elaboração de material paradidático”, o texto enfatiza a construção de projetos didáticos nas escolas, além de propor discussões sobre o bioma ao qual estão inseridos, a caatinga, e a convivência no semiárido, propondo melhoras como o projeto recaatingamento que visa a preservação do meio ambiente.

Wilson Bueno (1985, p. 424) defende que os jornalistas que cobrem ciência e tecnologia devem priorizar a abordagem dos aspectos políticos relacionados às ações de cientistas e governantes e destaca que as funções básicas do jornalismo científico podem ser informativa, educativa, social, cultural, econômica e político-ideológica. Verificamos que, nas notícias publicadas pelo IRPPA, a natureza de disseminar políticas públicas para convivência com o semiárido é constante.

Nas notícias publicadas pelo IRPAA, é possível identificar uma ampliação e aprofundamento da pauta a partir de investigações com pesquisa desenvolvidas na Universidade do Estado da Bahia, que possam ter pesquisa na área.

Como se verifica em notícia divulgada pela Agência de Notícias, na entrevista “Pesquisadora analisa práticas de convivência com o semiárido”³. Na notícia, a pesquisadora⁴ discute sobre as alternativas de convivência no semiárido para uso racional da água, da terra e de políticas públicas que possam gerar renda e preservar a biodiversidade. A pesquisadora procura refletir sobre cenários atuais para a região, desmistificando a visão de um Nordeste que não tem alternativas de desenvolvimento sustentável.

Se analisarmos atentamente as matérias têm uma co-relação, contudo não são explorados a inter-relação entre as duas instituições, o que significa que há uma lacuna a ser preenchida por ambas as fontes, já que as instituições – uma pública, outra não-governamental – têm projetos e práticas em comum, embora possam ter finalidades distintas, principalmente de natureza ciência.

Assim a partir das pesquisas realizadas por professores do Departamento de Ciências Humanas é possível agendar temas na área da “Educação”, como práticas de educação contextualizada, as experiências de professores com essas práticas e os resultados alcançados.

Produzida pela Agência MultiCiência, analisaremos a matéria “Pesquisa identifica plantas nativas da caatinga”⁵, o pesquisador do Departamento de Tecnologias e Ciências Sociais (DTCS) Cláudio Mistura⁶ aborda sobre as variedades nativas da região e o estudo sobre uma destas espécies o “estilosantes” (nome científico *Stylosanthes spp.*), plantas forrageira e nutritiva na suplementação dos animais, além da planta poder ser usada em culturas consorciadas e na recuperação de solos degradados. A pesquisa pode beneficiar o pequeno produtor que aprende formas de consórcios para melhor a plantação e na nutrição da sua criação.

³ Matéria produzida por Laércio Lima, discente do 9º período de Jornalismo em Múltiplos Meios e colaborador da Agência MultiCiência.

⁴ Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Sergipe (UFS), Luzineide Dourado, professora do Departamento de Ciências Humanas, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

⁵ Matéria produzida por Eriskarine Nascimento, discente do 5º período, atual monitora da Agência MultiCiência.

⁶ Doutor em Zootecnia, Cláudio Mistura, professor do Departamento de Tecnologia e Ciências Sociais (DTCS), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB).

A partir das pesquisas desenvolvidas pelos professores do DTCS, podem surgir temáticas como práticas de manejo para agricultura sustentável; a recuperação da mata ciliar; experiências com plantio para área de sequeiro e de fruticultura irrigada e de recuperação da caatinga; fomento as hortas comunitárias; plantas forrageiras; manejo de caprinos e ovinos e outras pesquisas aplicadas à agropecuária.

Uma abordagem interdisciplinar pode ocorrer com temáticas que relacionem ao melhor aproveitamento das plantas nativas e as novas formas de organização social, que tem se pautado pela venda de produtos no mercado solidário, com “preço justo”, unido pesquisadores da área agrônômica e das Ciências Humanas.

Estudos sobre o impacto do uso dos agrotóxicos à saúde humana, a transposição do Rio São Francisco, a desertificação, a variedade nativa da caatinga e a educação contextualizada para o semiárido podem se tornar pautas recorrentes na região, pois as pesquisas, se divulgadas para a sociedade, podem gerar impactos sociais.

Assim como, podem ser feitas a divulgação de pesquisas que abordem a história e a memória do patrimônio material e imaterial da região, por meio da divulgação do acervo da professora “Maria Franca Pires”⁷, que tem variados documentos sobre a história da região; bem como da história da comunicação na região. É possível também divulgar pesquisa na área de letramento do professor a partir de pesquisas desenvolvidas com revistas pedagógicas e a partir das experiências de docentes em programas de formação.

Dessa forma, é possível difundir os saberes científicos na região bem como propor o aprendizado ou “alfabetismo científico”, promovendo a divulgação de temas que possam qualificar a produção jornalística.

Hernando Calvo (2004) explica “a divulgação científica não substitui a educação, mas pode preencher vazios do ensino moderno, contribuir para o desenvolvimento da educação permanente e ajudar o público a adotar uma determinada atitude perante a ciência.”

⁷ Subprojeto pertence ao Projeto de Extensão Difusão do acervo legado pela prof^a. Maria Franca Pires, com Orientação da Professora Odomaria Macedo.

Considerações Finais

O conhecimento jornalístico poderá ser utilizado para propagar de maneira simples o saber produzido pelas diversas áreas da ciência, como têm realizado, mesmo com dificuldade, as instituições analisadas neste artigo.

O jornalismo tem a vantagem de poder produzir uma informação que seja acessível a um maior número de pessoas, devido ao caráter massivo dos meios jornalísticos, ao contrário das pesquisas realizadas no âmbito das instituições, muitas vezes divulgadas apenas na comunidade científica. Como afirma Otto Groth (apud MAROCCO & BERGER, 2006, p. 184), o jornalismo pode influenciar para determinar a direção do pensamento, despertar a vontade das amplas camadas da sociedade, o patrimônio de conhecimento e a capacidade de julgamento.

Ao buscar investigar os acontecimentos de forma crítica, o jornalista científico pode levar informações qualificadas ao público, que o permita conhecer e compreender assuntos complexos, usando de comparações e linguagem fácil para que o leitor entenda e reflita sobre ciência.

REFERÊNCIAS

BUENO, Wilson da Costa. **Jornalismo científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente.** São Paulo: ECA/USP, 1985.

BUENO, Wilson da Costa. **Os novos desafios do Jornalismo Científico.** *Portal do Jornalismo Científico.* Seção Artigos. Disponível em: <www.jornalismocientifico.com.br> acesso em: 30 mar. 2006.

HERNANDO, Manuel Calvo. **Teoria e técnica do Jornalismo Científico.** São Paulo: ECA/USP, 1970.

LAGE, Nilson. **A Reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística.** 3ª. Rio de Janeiro, Record, 2003.

MAROCCO, Beatriz & BERGER, Christa. **A era glacial do jornalismo – teorias sociais da imprensa: pensamento crítico sobre os jornais**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MEDEIROS, João Bosco. **Redação Científica: A Prática de Fichamentos, Resumos, Resenhas**. São Paulo: Atlas, 2009.

MELO, José Marques de. **Gêneros jornalísticos na Folha de São Paulo**. São Paulo: FTD, 1992.

OLIVEIRA, Fabíola de. **Jornalismo Científico**. São Paulo: Contexto, 2005.

SITES:

Eco Agência de Notícias - <http://www.ecoagencia.com.br>

Embrapa Semiárido - <http://www.cpatia.embrapa.br>

Instituto Regional da Pequena Agropecuária Apropriada - <http://www.irpaa.org>